

Sarau da Cooperifa: quando o bar se transforma em centro cultural¹

Priscila Cevada

NAU – Núcleo de Antropologia da USP
IFSMP – Instituto Federal de São Paulo

Palavras-chave: Cidade; periferia; sarau

Cultura de periferia

Com o crescimento das cidades, os espaços urbanos se expandem formando extensas regiões periféricas, distantes do centro onde se concentra o comércio, e os estabelecimentos de trabalho, tornando as condições socioeconômicas desafiadoras. Nesta expansão, a produção de cidade se assemelha a produção de riquezas, o centro tem a concentração da riqueza de capital e as periferias enfrentam a escassez de recursos. Esta situação foi fomentada pelas políticas públicas de moradia ao longo dos anos 1940 a 1970, como demonstra Higor Carvalho ao descrever as Habitações sociais no Brasil (CARVALHO, 2023).

Dentro da esfera de escassez socioeconômica, o modo de viver, desde a música até a arte de rua, passando pela moda e pela gastronomia, cada manifestação cultural reflete não apenas um estilo de vida, mas oferece mais uma forma de resistência contra as injustiças e uma afirmação da própria existência humana.

Assim, a cultura periférica é um fenômeno dinâmico e vibrante que emerge das margens das grandes cidades e se transforma em uma expressão de identidade e resistência, carregando consigo as histórias e experiências das comunidades marginalizadas.

A partir dos anos 1990, por meio da luta dos artistas periféricos, a periferia da cidade começa a ser considerada “um lugar onde se produz e consome arte e cultura” (NASCIMENTO, 2019, p.18). O sentido das obras de arte se inverte de modo que

“favelados, periféricos, marginais e marginalizados, que sempre foram tema ou inspirações de criações artísticas, passaram de objetos a sujeitos e seguem transformando suas experiências

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

sociais, visões de mundo e repertórios em linguagens específicas.” (NASCIMENTO, 2019, p.18)

Por meio do discurso da “cultura de periferia” o espaço urbano se reorganiza e toma novos significados. A exemplo dessa reconfiguração está a formação dos saraus, que a partir dos anos 2000, começam a ser realizados, “sendo fundamentais para a expansão e consolidação da movimentação cultural” (NASCIMENTO, 2019, p.18) na periferia da cidade de São Paulo.

Com a ausência de equipamentos e prédios públicos voltado para a promoção da cultura, os bares começam a se tornar pontos de encontro para recitações de poesia. Vários poetas, amantes da poesia, músicos, artistas, professores e intelectuais começam se reunir em bares na periferia, transformando esses encontros em sarau, de modo que acontecem

“reuniões em bares de diversos bairros das regiões suburbanas da cidade onde se declamam ou leem textos próprios ou alheios diante de um microfone aberto durante um período de mais ou menos duas horas. Estes espaços poéticos vêm conformando uma nova cartografia que se completa por uma rede de frequentadores que andam de bairro em bairro seguindo um cronograma que completa a agenda da semana” (TENNINA, 2018, p.52).

Esses encontros artísticos se dão em espaços sem grandes preparos de infraestrutura, pois são bares que já possui seu funcionamento cotidiano de modo que se tornam eventos de baixo custo para os frequentadores dos Saraus, “dado que a única coisa de que se precisa para acontecer é um microfone para a amplificação do som” (TENNINA, 2018, p.52). Nos dias que não acontece o sarau, os bares voltam a normalidade e continuam com sua programação normal e seu público são iguais aos de qualquer outro “boteco das quebradas” paulistanas (TENNINA, 2018, p.52).

Para a realização destes eventos, o bar se transforma em centro cultural. A manifestação artística o torna um lugar significativo “como espaço de incentivo para profissionais não relacionados as atividades intelectuais ou artísticas a assumir a identidade de poetas” (NASCIMENTO, 2019, p.25). Ele, o bar, assume também o lugar de espaço para divulgação e apreciação da estética literária periférica, formando ouvinte/consumidores, “já que as pessoas que estão presentes nos saraus tomam conhecimento dessa produção” (NASCIMENTO, 2019, p.27) a partir da fruição da literatura/poesia declamada.

O bar também assume o papel de espaço educacional pois o palco para performance artística é também escola de formação, transcendendo o sentido convencional da ideia de teatro (palco/plateia), pois agora está no contexto dos bairros populares, transpondo a dicotomia entre periferia e centro da cidade: é agora “um centro cultural” (TENNINA, 2019, p.99)

Esses eventos crescem e se espalham pela cidade e em 2009 - 2010, a Secretaria de Turismo lança o Projeto Pontos de Poesia² que consistiu em mapear os espaços que abrigavam saraus pela cidade e posteriormente na Grande São Paulo. Ao todo foram mapeados 60 espaços. Há um sarau para cada dia da semana como sugere a pesquisadora argentina Lucia Tennina: Segundas-feiras, por exemplo, tem o “Sarau do Binho” (em Campo Limpo, Zona Sul), terça-feira o “Sarau Suburbano Convicto” (em Bixiga, Centro), quarta-feira tem o “Sarau da Cooperifa” (em Pirapóirinha, Zona Sul), quinta-feira tem o “Sarau Elo da Corrente” (em Pirituba, Zona Norte), sábados tem o “Sarau Poesia na Brasa” (em Brasilândia, Zona Norte), domingos tem o “Sarau do Ademar” (Ademar, Zona Sudeste), etc.” (TENNINA, 2018, p.52)

A reconfiguração urbana ao redor desses bares também acontece por meio das relações que os participantes estabelecem com o território, pois ao consumirem a “cultura da periferia” também movimentam a economia do bairro. Nas noites de sarau o fluxo do bairro se altera. Vendem-se bebidas e comidas, as pessoas chegam e vão de transporte público, carros de aplicativos. Escolas levam alunos, professores se organizam em grupos; ou seja, o bar se torna no centro da periferia!

Sociabilidade no espaço do bar

“A prática de lazer em bares, forma privilegiada e cotidiana de sociabilidade (...), consiste em reunir em torno de mesas um público disposto à bebida e conversação, sendo a bebida o motor e a conversa o percurso. O lazer como uma finalidade de divertimento e prazer étlico, o lazer tendo como objetivo o próprio lazer. Assim, a conversa e a bebida tornam-se a principal

² Encarte *Cores e cantos da poesia em São Paulo* – Projeto Pontos de Poesia – catalogação POIESIS, SPTuris, Governo do Estado de São Paulo – 2010.

Disponível em: https://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2010/01/22/mapa_dos_saraus.pdf

atividade de lazer no bar, o encontro pelo encontro, a conversa pela conversa”. (BARRAL, 2006, p. 82)

Nos bares, a sociabilidade se revela em um palco animado onde as histórias se entrelaçam ao sabor das bebidas. Um espaço onde estranhos se tornam amigos por um período de tempo, fora da normalidade do espaço familiar, compartilhando risadas e confidências em um ambiente descontraído e acolhedor.

Para se compreender a sociabilidade nesse espaço social e urbano, podemos recorrer a teoria de George Simmel (1858 – 1918), pois se trata de “uma forma lúdica arquetípica de toda socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quase uma das regras implícitas seria atuar como se fossem todos iguais” (FRUGOLI, JR, 2007, p. 9), uma vez que nesses encontros, a conversação se estabelece fora da normalidade de convívio. Basta estar no bar bebendo para qualquer acontecimento se tornar elo entre os presentes. Uma TV ligada em um jogo de futebol, ou uma notícia de jornal pode se tornar motivo para interação entre indivíduos que não estabelecem nenhuma aproximação cotidiana se tornarem grandes amigos.

Por outro lado, as mesas se constituem como pequenos universos efêmeros, onde conversas fluem como o próprio álcool, sem filtros ou formalidades, mas entre pessoas que estabelecem vínculos cotidianos. Grupos de amigos, parentes ou conhecidos. Aqui, as pessoas se permitem ser mais autênticas, livres das amarras do cotidiano, mas cercadas por vínculos “entre indivíduos que se conhecem ou interagem regularmente” (FRUGOLI, JR., 2007, P.30)

Desse modo, a sociabilidade no bar transcende o simples ato de beber. Ela se torna um ritual humano, uma celebração da conexão interpessoal, onde estranhos se tornam companheiros de jornada por algumas horas e conhecidos se tornam íntimos, sem amarras ou regras do cotidiano. Nas conversas intermináveis, os temas variam do trivial ao profundo, e as opiniões divergem com a mesma intensidade das risadas compartilhadas, enquanto o dono do bar se transforma em um confidente, ouvindo segredos sussurrados sobre o balcão, construindo uma rede de relações entre iguais e diferentes.

O bar é também um microcosmo cultural, onde se misturam músicas, aromas e sabores, onde cada estabelecimento tem sua própria energia, refletida na dinâmica entre clientes e no ambiente que cria. Os rituais de ordem e desordem se entrelaçam, desde os brindes calorosos até os debates acalorados sobre futebol ou política. E mesmo quando o

expediente termina, os últimos clientes se dispersam, fica o eco das histórias contadas, das conexões feitas e das experiências compartilhadas.

Por outro lado, a negatividade do espaço de sociabilidade também se manifesta no bar, pois nas periferias da cidade, muitas das vezes o bar também é visto como um espaço propício à briga e ao desentendimento masculino relacionando beber bebidas alcoólicas ao não convívio social e à violência. Como demonstrado por Machado da Silva (2016) e Frugoli Jr (2018), o ato de beber requer regras, tanto econômicas quanto de quantidade para não “*gastar o que se não tem, nem cair pelas calçadas na volta pra casa.*”

Fernanda Coimbra, dona do Bar Libertárias, localizado no Jardim Monte Azul na periferia da Zona Sul da cidade de São Paulo, bar gerido e frequentado majoritariamente por mulheres, se prepara religiosamente com plantas, rezas e danças antes de limpar o ambiente, pois ela acredita que “*nos bares pairam os espíritos vagantes que trazem mal agouro*”. É tanto que nas portas de bares acontecem assassinatos, brigas, pessoas caem embriagadas como um símbolo de abstenção da realidade e violência. Da mesma forma que mulheres evangélicas ou religiosas cristãs relataram (para esta pesquisa) que se recusam a entrar nos espaços de bares por acreditar que lá é um espaço impróprio para “mulheres de bem”, pois a presença das mulheres no bar, em tempos passados estava relacionado a prostituição. “*As mulheres se embriagavam ou se relacionavam com homens embriagados*”. Desse modo, a sociabilidade feminina nos bares desafia estereótipos antiquados, reivindicando um lugar de empoderamento guiada pela liberdade de escolha.

Hoje com a gentrificação de vários pontos da cidade, com o deslocamento dos espaços de lazer para próximo dos escritórios, o bar acolhe as mulheres nos *happy hawers* sem esses estereótipos. Ao resignifica-lo como um espaço de sociabilidade na cidade, pudemos observar que a vida das mulheres que frequentam o bar também é resignificada uma vez que a mulher conquista o espaço de sentar e ser servida, onde por muito tempo estava confinada na cozinha, preparando os alimentos ou trabalhando na limpeza do ambiente. Em alguns casos ainda trabalhando com prostituição nestes espaços masculinizados.

A sociabilidade estabelecida em reuniões regadas a bebidas, como nas casas de bebidas, nos bares, nos botequins (SILVA, 2011) já estava presente nos casarões dos anos 1930 e 1940 pois “o ato de tomar um *drink* foi associado a um modo de vida moderno que projetava a sociedade brasileira para um futuro promissor” (PAULILLO, MARQUES, FERREIRA, 2016, p.7), de modo que nos últimos anos, testemunhamos uma transformação fascinante dos bares de simples pontos de encontro para verdadeiros

centros culturais pulsantes. O que antes era um lugar apenas para beber e socializar, agora se tornou um palco multifacetado onde arte, música, e debates fervilham, criando uma tapeçaria vibrante de expressão cultural.

Além da música ao vivo, muitos bares têm trazido manifestações culturais como forma de atrair clientes, criando um ambiente ambíguo entre espaço de lazer e apreciação cultural. Exposições de arte visual transformam as paredes em galerias temporárias, onde pinturas, fotografias e esculturas dialogam com o ambiente descontraído. Eventos de poesia e noites de leitura oferecem um palco para vozes literárias locais, enriquecendo o espaço com as nuances da palavra escrita.

Mas não é apenas nas artes que os bares se destacam como centros culturais. Além de espaços para *coworking*, muito difundidos pós Pandemia de Covid 19, trazendo o espaço do trabalho para espaços fora dos escritórios, eles também se tornaram palcos para debates e discussões, sobre temas variados, desde política até filosofia, propiciando o intercâmbio de ideias e a construção de comunidades intelectuais, como a Cooperifa por exemplo.

O Sarau da Cooperifa

A Cooperifa nasceu em 2001 num galpão em Taboão da Serra – Grande São Paulo e depois, com o aumento das pessoas frequentadoras se torna um sarau e se instala no Bar do Zé Batidão, zona sul da cidade de São Paulo. Um grupo de amigos, em torno do poeta Sergio Vaz, se reuniam no Bar Garajão, nas quintas feiras a noite, após o trabalho, para bater papo, *trocar ideia* e falar de poesia. Aos poucos, essas reuniões foram crescendo a ponto de precisar de um espaço maior. Assim nasce o Sarau da Cooperifa num terreno cedido de uma fábrica abandonada em Taboão da Serra. Este sarau aconteceu ininterruptamente até novembro de 2023, onde toda terça-feira se tornava um acontecimento poético.

Sua criação e trajetória está registrada pelo poeta e seu fundador Sergio Vaz em *Cooperifa: antropofagia periférica* (VAZ, 2008). Sua criação e manutenção ao longo desses 22 anos de existência tem sido inspiração para inúmeros saraus nas periferias, até mesmo em outras cidades longe de São Paulo e, a cada dia aprimorando o sentido da palavra que nomeia o Sarau: Cooperifa = cooperação + periferia, com o

“objetivo de trazer o centro para os becos e vielas das periferias.

Não importar a arte, mas produzi-la no seio de sua realidade

cultural. Assim, apropriando-se desse espaço de um modo diferenciado, isto é, unindo arte e conhecimento, identidade e reconhecimento de um povo esquecido. ” (FERNANDEZ e LEITE, 2019, p. 424)

Em 2007, o Sarau da Cooperifa promove a *Semana de Arte Moderna da Periferia*, fazendo referência ao Movimento Modernista da *Semana de Arte Moderna de 22*. (MARINHO, 2015) Esta Semana consistiu num evento espalhado pela zona sul da cidade de São Paulo com palestra e declamação de poesias nas escolas públicas, distribuição gratuita de livros nas comunidades, apresentações musicais, cinematográficas e poéticas nas ruas e na “única Casa de Cultura da região, a Casa de Cultura de M’boi Mirim” (MARINHO, 2015, p. 17). Foi um evento gratuito com grande efervescência cultural na periferia.

Para a ocasião, o poeta Sergio Vaz escreveu o *Manifesto Antropofágico da Periferia*³, em diálogo direto com o *Manifesto Antropófago*⁴ de Oswald de Andrade. Este Manifesto ecoa sobre o fazer poético da periferia desde então pois, segundo o poeta Márcio Vidal a intenção do Manifesto era “chamar a atenção para a literatura que vem dos becos e vielas, que une a comunidade contra a arte fabricada que destrói o senso crítico” (MARINHO, 2015, p. 17), incentivando novos poetas, e a criação de novos saraus.

A força contida neste manifesto e seu poder de mobilizar os poetas em torno da Poesia Marginal Periférica trouxe nova perspectiva para transformar a realidade, incentivando cada dia mais a produção literária na periferia. Suas ideias foram propagadas não só na periferia, se tornando fonte de inspiração para equipamentos públicos de cultura como o Theatro Municipal de São Paulo, Biblioteca Mario de Andrade e Paço das Artes.

Sérgio Vaz conta que na periferia há muitas igrejas e bares, espaços de lazer e proclamação de fé. Porém, se perguntava: *porque não tinha cinema, livraria, teatro, espaço de cultura na “quebrada”?* É a partir dessa necessidade que surge a ideia de transformar o bar num espaço sagrado, principalmente porque é nele que as pessoas se reúnem, depois de “*adorarem um Deus chamado trabalho*”.

Rose Dorea, (produtora da Cooperifa) relata que o sarau “*começou com 17 pessoas e hoje movimenta centenas de pessoas toda semana*”, a partir da ideia de cooperação entre amigos, poetas, amantes da poesia e artistas da periferia. Com a demanda semanal, a

³ <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>

⁴ <https://cdn.culturagenial.com/arquivos/manifesto-antropofago.pdf>

logística do encontro pós horário de trabalho, surge a necessidade de ter um lugar próprio. Então o sarau se torna um evento oficial e passa a ser realizado no Bar do Zé Batidão, bar que anos atrás pertencia ao pai do poeta Sérgio Vaz. Assim, o sarau se estabelece como uma atividade cultural com dia da semana, horário e espaço físico estabelecidos na periferia.

E hoje, com 22 anos de atividade semanal, deixa como legado a ressignificação desse espaço que se deu como consequência da literatura porque *“as pessoas começaram a ler, começaram a ter livros, começaram a escrever, começaram a entender o lugar que se mora, entender a própria comunidade. Começou-se a conversar sobre livros”*.

O bar como centro cultural

Os bares modernos não são mais simplesmente locais para consumir álcool; eles se tornaram incubadoras de criatividade e expressão. Músicos locais encontram nesses espaços um público íntimo e receptivo, transformando o ambiente em um cenário de descoberta musical. Desde shows acústicos intimistas até bandas de rock enérgicas, os bares são agora espaços cruciais para artistas emergentes ganharem visibilidade e para o público explorar novos talentos, ampliando as possibilidades de trabalho para jovens artistas.

Assim, os bares se tornaram verdadeiros centros culturais contemporâneos, onde a diversidade de expressões artísticas, debates e experiências culturais convergem para criar um ambiente dinâmico e enriquecedor. Em um mundo cada vez mais digital, esses espaços físicos continuam a desempenhar um papel vital na promoção da cultura local e na construção de identidades das pessoas frequentadoras, principalmente na venda de livros, livretos e quadros, expostos ao longo das programações dos bares.

Dentre os eventos organizados pelos donos de bares, shows musicais, exposições de obras visuais, lançamentos de livros, o sarau na periferia é muito mais do que um evento artístico; é um ponto de encontro cultural que fortalece os laços comunitários e valoriza a identidade local. É um espaço onde as vozes que frequentemente são marginalizadas ou silenciadas encontram um eco poderoso, elevando questões sociais, políticas e culturais de maneira poética e reflexiva, pois

“os poetas dos saraus falam a partir de um lugar específico, que importa na compreensão do discurso, e transformam a sua cidade

em linguagem, adicionando relevância maior ao contexto local da comunicação poética”. (TENNINA, 2019, p.12)

Os espaços da cidade se alteram no entorno dos bares trazendo uma efervescência social e econômica, pois a gastronomia também desempenha um papel importante na cultura periférica. Durante o Sarau, seu Ze Batidão servia o escondidinho de carne seca, carro chefe da casa nas noites de terça feira, ao longo do sarau ele também fritava toucinho de modo que o cheiro contagia todos. Ou seja, a gastronomia também se serve da poesia.

Segundo Luan Luando – poeta marginal e frequentador dos saraus da zona da cidade de São Paulo, “a geografia do bairro que o bar está instalado influencia no andamento do Sarau” (TENNINA, MEDEIROS, PEÇANHA, HAPKE, 2015, p.374 – 375). Ou seja, cada bairro estabelece uma relação entre o bar e a produção artística pois a diversidade é uma marca registrada desses encontros, refletindo a pluralidade étnica, linguística e cultural das periferias urbanas.

Além de ser um local de criação artística, o sarau também funciona como um espaço educativo informal, incentivando o debate e a troca de ideias entre os participantes e o público. Várias escolas organizam excursões dos alunos para participar dos saraus em bares da periferia, principalmente no Sarau da Cooperifa que foi muito frequentado por professores. O sarau vai para a escola, mas a escola também vem para o bar, agora resignificado como Centro Cultural, como fonte de produção artística, como fonte de experiência cultural e formadora de identidade para jovens periféricos.

Anualmente, no mês de novembro, acontece a Mostra Cultural da Cooperifa, onde oficinas de escrita criativa, palestras, shows e apreciações cinematográficas complementam as atividades artísticas do sarau. Para a realização do evento, a Cooperifa tem parceria com o Bar Ze Batidão, Casa de Cultura do M’Boi Mirim, Fábrica de Cultura do Jardim São Luís e Sesc Campo Limpo. Além de oferecer oficinas nas escolas públicas da região do Capão Redondo, zona sul da cidade de São Paulo.

Em suma, os saraus nas periferias das grandes cidades brasileiras, dentro dos bares, representam verdadeiros centros de cultura e resistência, onde a arte floresce e a voz dos excluídos encontra seu lugar de destaque. São espaços de celebração da diversidade, de construção de identidade e de fortalecimento comunitário, demonstrando que a arte é uma ferramenta poderosa para transformação social e inclusão.

Bibliografia

- BARRAL, Gilberto Luiz L. *Brasília, espaço de lazer e culturas jovens/: o caso de bares*. UnB. Instituto de Ciências Sociais, 2006. 133 fls. Digitalizada. Dissertação de Mestrado em Sociologia Urbana.
- CARVALHO, Higor *Habitação social no Brasil e no México: transformações e permanências nas políticas públicas e na produção de mercado de moradia*. 1ª ed. São Paulo: Terra Redonda, 2023.
- FERNANDEZ, Raffaella e LEITE, Fernanda M. C. L. *Antropofagia marginal periférica ecoando das favelas*. Letras, Santa Maria, v. 29, n. 59, p. 473-489, jul. /dez. 2019 DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148537239>
- FRUGOLI JR, Heitor *Sociabilidades masculinas em torno de uma adega da rua da Barroca (Bairro Alto, Lisboa)*. In: Cidades e mudanças: processos participativos em Portugal e no Brasil. Org. Renta de Sá Gonçalves e Ligia Ferro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.
- FRUGOLI JR, Heitor *Sociabilidade urbana Rio de Janeiro*: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MARINHO, Marcio V. *Cooperifa e a literatura periférica: poetas da periferia e a tradição literária brasileira* Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa Marcio Vidal Marinho; orientador Emerson da Cruz Inácio. - São Paulo, 2015.
- NASCIMENTO, Erica P. *Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano*. In: Literatura e Periferia. DALCASTAGNE, Regina e TENNINA, Lucía (org.) Porto Alegre: Zouk, 2019.
- PAULILLO, Clarissa de A.; MARQUES, Deborah C; FERREIRA, Pedro B. S. *Nenhuma casa moderna dispensa o bar: composição dos interiores domésticos brasileiros nas décadas de 1930 e 1940*. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, julho de 2016.
- SILVA, Luis Antonio Machado. O Significado do Botequim. Enfoques - revista dos alunos do PPGSA-UFRJ, v.10(1), maio 2011. Online. pp. 115-136. <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/~enfoques/>
- TENNINA, Lucía; MEDEIROS, Mário; PEÇANHA, Erica; HAPKE, Ingrid *Polifonias Marginais* 1ed. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2015.
- TENNINA, Lucía *Os saraus das periferias de São Paulo: circuito e cena em movimento* © EUROPEAN REVIEW OF ARTISTIC STUDIES 2018, vol. 9, n. 1, pp. 51-79 ISSN 1647-3558
- TENNINA, Lucía. *Saraus das periferias de Brasília: uma literatura fora do eixo*. In: Literatura e Periferia. DALCASTAGNE, Regina e TENNINA, Lucía (org.) Porto Alegre: Zouk, 2019, p. 81-114.
- VAZ, Sérgio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2008.